

# Cultivo de uvas de mesa sem sementes

Brasil possui cerca de 87.700 hectares cultivados com videiras, onde são produzidas em torno de 1.228.390 toneladas, das quais 470.705 t são destinadas ao processamento, principalmente na forma de vinhos e suco, e 757.685 t são destinadas ao consumo na forma de fruta fresca. Do total da área cultivada, mais de 50%, cerca de 47.500 ha, está localizada no Rio Grande do Sul, onde ocorre o predomínio absoluto da uva para processamento. Já nos demais principais estados produtores, ocorre o predomínio pelo cultivo das uvas para consumo *in natura*.



O mercado de exportação de uvas de mesa no Brasil passou a ter aumentos significativos a partir de 1999, sendo que, em 2005, foram exportadas cerca de 51.200 toneladas de uvas, o que representa um valor de US\$107,28 milhões. O consumo interno de uva *in natura* também tem aumentado, passando de 2,32kg/habitante/ano em 2000, para 3,8kg/habitante/ano em 2006.

A produção de uvas de mesa no Brasil pode ser dividida em dois grandes grupos: o das uvas finas, representado principalmente pelas cultivares Itália, Rubi, Benitaka, Brasil e Red Globe, e o das uvas comuns, representado quase que exclusivamente pela cultivar Niágara Rosada.

O plantio de uvas comuns tem tido uma expansão significativa nos últimos anos, devido ao desenvolvimento de tecnologias que permitem o cultivo da 'Niágara Rosada' em regiões de clima mais quente, associado à boa aceitação desse tipo de uva pelo consumidor brasileiro, ao bom preço de venda nos períodos de entressafra das regiões mais frias e ao menor custo de produção comparado às uvas finas. Esses fatos, associados a outros, provocaram, em algumas regiões, a substituição das uvas finas de mesa pela cultivar Niágara Rosada. Os principais pólos produtores de uvas comuns são Jundiá e Jales-SP, de Marialva e Bandeirantes-PR, Pirapora-MG, Primavera do Leste e Nova Mutum-MT e em algumas regiões do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.



No caso das uvas finas de mesa, ainda ocorre o predomínio pelo cultivo de variedades com sementes, como Itália, que apresentam elevado custo de produção, dado o nível tecnológico adotado e o uso intensivo de mão-de-obra para as operações de manejo, e a dificuldade de obtenção de frutas com a qualidade exigida pelos mercados, tanto nacional quanto internacional.

Existe uma demanda crescente no mercado pelo consumo de uvas sem sementes, o que faz com que haja, também, um aumento pelo interesse no cultivo dessas uvas. Além da preferência dos consumidores, as uvas sem sementes têm, normalmente, sido comercializadas com preços mais elevados do que as cultivares tradicionais com sementes. Por essa razão, tentou-se viabilizar o cultivo de uvas sem sementes, principalmente de cultivares tradicionais como Superior Seedless, Perlete, Thompson Seedless e Crimson Seedless.

O cultivo dessas uvas, no entanto, tem encontrado dificuldades em função da sua falta de adaptação às condições tropicais brasileiras, o que provoca produtividades baixas e inconstantes. Outro fator que dificulta o cultivo é a maior exigência em mão-de-obra, fazendo com que o custo de produção seja elevado. Assim sendo, o cultivo de uvas de mesa sem sementes das cultivares tradicionais, principalmente Superior Seedless e Thompson Seedless, está restrito à região do Vale do Rio São Francisco, nos Estados de Pernambuco e Bahia, e cuja produção destina-se, primeira e quase exclusivamente, ao mercado de exportação, principalmente nos meses de outubro e novembro.

Nesse contexto, a Embrapa Uva e Vinho iniciou, em 1997, um programa de melhoramento genético com o objetivo de criar variedades de uvas de mesa sem sementes adaptadas ao cultivo em regiões tropicais e subtropicais e que apresentassem as características organolépticas exigidas pelos consumidores. Em 2003, foram lançadas as cultivares BRS Morena, BRS Clara e BRS Linda, que constituem alternativas para os

